

FESTA E RITUAL NA IRMANDADE FOLIA DE REIS SÃO FRANCISCO DE ASSIS: *TECITURA* E *TESSITURAS* DE PESSOAS, INSTRUMENTOS E SONORIDADES NAS RUAS DE CARMO DE CAJURU/MG – A EXPERIÊNCIA DO LAZER COMO PROCESSOS IDENTITÁRIOS¹

Recebido em: 15/04/2016

Aceito em: 27/10/2016

Sônia Cristina Assis

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

José Alfredo Oliveira Debortoli

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: O artigo descreve a Folia de Reis São Francisco de Assis em Carmo do Cajuru-MG, como uma prática social repleta de histórias de envolvimento e experiências. Focamos a festa e o ritual integrados em um sistema sociocosmológico, organizado por uma coletividade heterogênea, cuja participação expressa sua materialidade nos cantos, nas danças, nas rezas, nos ritos e nos mitos. Enfatizamos o ritual da festa destacando a centralidade e a importância dos instrumentos musicais, pautando um diálogo entre os campos do Lazer, da Música e da Antropologia. Associamos o Lazer aos processos éticos e estéticos, à arte e ao corpo, ao ritual e ao festivo na partilha e produção cotidiana de nossas experiências sociais.

PALAVRAS CHAVE: Cultura. Música. Atividades de Lazer.

FESTIVITY AND RITUALS IN FOLIA DE REIS SÃO FRANCISCO DE ASSIS: MESH AND TESSITURAS OF PEOPLE, INSTRUMENTS AND SOUNDS IN THE CITY OF CARMO DO CAJURU / MG – EXPERIENCE OF LEISURE AS IDENTITY PROCESS

ABSTRACT: The article describes the Folia de Reis São Francisco de Assis in the city of Carmo do Cajuru, MG, as a social practice full of histories and experiences. We focus on the festivity and ritual, integrating them into a ritual system organized by a heterogeneous community, whose participation expresses its materiality through songs, dances, prayers, rites and myths. We emphasize the ritual by highlighting the centrality and importance of musical instruments, guiding a dialogue between the fields of Leisure, Music and Anthropology. We associate leisure to ethical and aesthetic

¹ Este texto foi elaborado no processo de desenvolvimento do projeto de doutorado “Os tambores na Festa de Folia de Reis em Carmo do Cajuru - MG: Um estudo sobre lazer e cultura em contextos tradicionais”, desenvolvido no PPGEL/EEFFTO-UFMG.

processes, to art and body, to rituals and festivity through sharing daily production of our social experiences.

KEYWORDS: Culture. Music. Leisure Activities.

Abertura

No contexto da Pós-Graduação², em diferentes percursos de pesquisa, temos buscado enfatizar o Lazer, não a partir de uma dada definição *à priori*, mas como uma concepção, um princípio. Uma lente que nos tem possibilitado focar, aproximar e nos envolver com processos de produção da vida, que vão além de nossa condição humana instrumental e objetiva, em direção a processos sociais pautados em ricos caminhos de expressão e partilha ética e estética. Como destacado em artigo anterior (DEBORTOLI, 2012, p.15), temos procurado “[...] dar centralidade às relações e aos processos éticos e estéticos, à arte e ao corpo, ao ritual e ao festivo na partilha e produção cotidiana de nossas experiências sociais”³.

Desta perspectiva, apresentamos uma abordagem sobre a Festa, tendo como contexto a Irmandade Folia de Reis São Francisco de Assis. As Falias de Reis são práticas sociais encontradas em grande parte do estado de Minas Gerais, como também em todo o território brasileiro⁴. Pautados no diálogo entre os campos do Lazer, da Música e da Antropologia, enfatizamos o ritual da festa destacando a centralidade e a importância dos objetos e dos instrumentos musicais.

² Programa de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado, em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais.

³ DEBORTOLI, José Alfredo. Lazer, Envelhecimento e Participação Social. Licere, Belo Horizonte, v.15, n.1, mar/2012.

⁴ Nesta festa comemora-se o nascimento do Menino Jesus, sendo as ruas da cidade de Carmo do Cajuru – MG/Brasil o lugar dos encontros e das jornadas, entrelaçadas por uma rica experiência tanto musical quanto religiosa. É denominado de jornada ou viagem as visitas que a Folia faz as casas, para isso os moradores que querem receber a visita da folia combinam diretamente com a pessoa responsável por ela, nesse contexto é o Sr. Vicente Ferreira de Araújo também conhecido como Criolo.

Na Folia de Reis os instrumentos musicais se entrelaçam ao ritual e fazem parte das relações. Estudos em etnomusicologia⁵, por exemplo, sustentam que música é uma experiência, e o fazer musical é considerado uma ação social que pode gerar outros tipos de ação em um sistema de interações. Tim Ingold (2012) e Bruno Latour (2012) enfatizam que quando reconhecemos que as relações são compostas também de *coisas* ou *objetos* ampliamos as possibilidades de reconhecer práticas e sentidos que emergem dentro do sistema de interação ou ação social.

Encontramos, pois, na Folia de Reis uma mobilização solidária convertida em musicalidade e fé, fazendo emergir sentimentos comuns, possibilitando um fazer coletivo, sensível, ético e identitário. Ou, como enfatiza Christina Toren (2013), pelas relações transformamos o passado vivido entrelaçando as pessoas umas com as outras, envolvendo-as em diferentes aspectos do ser em modos de viver. Seja pelo toque das caixas ou pelo acorde das sanfonas, lançado pelas ruas da cidade junto à cantoria, de imediato se tem uma alteração no ambiente e posteriormente o inevitável para quem se dispõe a viver a folia, ou seja, o encontro. O sair à rua, abrir o portão e mesmo aguardar na calçada vai dizendo muito de nossa condição humana.

Na Folia de Reis nos interessamos, também, pelas *habilidades* dos foliões, no sentido de Ingold (2000, p.5), que se expressam em danças, cantos e ritos. Justamente isto é o que possibilita tornar as coisas presentes para o outro, como ação e modos de percepção, potencializando que as pessoas aprendam-compreendam-apreendam participando do coletivo, com as coisas que constituem e dão materialidade ao mundo.

Assim, cada folião vai se constituindo em um contexto de práticas, materializando lugares e papéis sociais. Uns carregam a palavra cantada que será

⁵ Blacking, 2007, p. 201-204.

proferida, outros carregam os gestos que serão manifestados. Da mesma maneira comunicam os instrumentos que integram o ritual, uns pela sonoridade e outros pela simbologia como bandeira e lenço. Todos seguem o andamento, a ordem e as ações internas aos ritos. Pelas ruas da cidade os foliões vão promovendo o compartilhamento, a doação, a devoção, o recolhimento e a festa.

Embaixador Zé da Ana tocando acordeon de 48 baixos e conduzindo a folia



Jornada realizada no dia 09/01/2016.

Foto: Sônia Assis

A festa promove o fazer coletivo e o encontro, como também fortifica os laços e as relações. O ritual entrelaça este fazer coletivo em narrativas, experiências subjetivas, formas de participação e envolvimento. Como enfatiza Mikhail Bakhtin (1999), pertencentes à esfera particular da vida cotidiana são uma forma primordial e marcante da civilização: processo e produto das condições e sentidos do trabalho coletivo. As festividades se expressam como conteúdo essencial e profundo de uma concepção de mundo. Para os foliões, a Folia de Reis vai além de uma mera representação. É, nesse sentido, uma prática da devoção que traz um dinamismo próprio num contexto que

compõe a vida cotidiana. O cantar, o dançar e a musicalidade configuram-se como processos de organização material e identitário desse grupo social.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão (1985), nos festejos, o sagrado e o profano se intercalam em um curto espaço de tempo. A religiosidade é marcada por momentos e movimentos específicos, em um fluxo narrativo. Na folia a “jornada” ou “viagem” envolve rituais como a reza, o pagamento de promessas, os pedidos e os agradecimentos. Todos se expressam em cantos e danças, como a dança do Moinho, a dança da Jaca, Moçambique e outras.

Nesse ambiente de celebração, os ritmos das caixas estimulam a cantoria interagindo com os cantadores e os instrumentos melódicos. Em alguns lugares ao término da “jornada”, dentro da igreja ou da capela, no altar do santo se entrega a “bandeira guia” que abre caminhos e tem imensos poderes de bênçãos e proteções (BRANDÃO, 1985). Neste local sagrado, o sentido de pertencimento dos instrumentos sonoros é reforçado pelo engajamento com os cantos, a reza, as pessoas e a devoção aos santos. Uma marca de toda Folia de Reis é a forte religiosidade dos seus integrantes com os seres divinos, sendo os versos sagrados usados para homenagear os Reis Magos e a Santíssima Trindade.

A música é a mediação dos foliões com os seres divinos. Uma reciprocidade em que promessas se transformam em bênçãos, proteção e recompensas. Os versos cantados, chamados de toada pelos foliões, são utilizados para atender as necessidades dos participantes e refletir a realidade das famílias que o grupo ou irmandade visita. Esses versos narram momentos específicos da jornada sagrada, sendo geralmente de improviso, os quais atendem pedidos de ordem religiosa tal como, tirar esmola da

bandeira ou saudar devotos dos Reis Magos. Cabe ao embaixador tirar a toada certa e fazer com que seu grupo o siga.

O ritual da Festa da Folia de Reis São Francisco de Assis é elaborado e reelaborado por diversas gerações, um momento de viver o passado distante trazendo-o para o presente, narrando histórias deste mundo em dimensões visíveis e invisíveis. É por meio dos ritos que os foliões se conectam com o divino e expressam sua realidade com o cotidiano e, sabendo de sua potência, um dos ritos fundamentais da Folia é nunca sair em jornadas sem antes rezar cantando ou cantar rezando. Como prática social essas ações são expressivas ou significativas por existirem dentro de um sistema prático de relações: vive-se dentro de uma determinada religião, constituída de signos e ações, que entrelaçam pessoas em uma coletividade. A organização da Folia inicia com o mito e mobiliza os foliões a cumprirem uma promessa (uma jornada) que se realiza em movimentos e habilidades das pessoas em um território de sentido.

Georges Balandier (1997) nos diz que, o rito age nos seres humanos movimentando corpo e espírito pela união de meios que conjuga música, canto, dança e gesto. Foi justamente assim que presenciamos os ritos da Folia de Reis, com todas essas conjunções expressivas. Nesse mesmo pensamento, Aldo Terrim (2004) relata que os ritos são ações que adquirem significados quando realizados no seio de uma religião em determinado tempo e espaço. Dia de Festa de Reis é dia de *trabalho* (de produção da vida): participando e fazendo junto para comemorar acontecimentos (de uma história) que necessitam ser lembrados e enraizados em um território comum. Permeada de responsabilidades e alegria essa prática social entrelaça engajamentos, fé, trabalho, festa, organização, disciplina e divertimentos. Tudo se relaciona: pessoas, objetos

sonoros, danças, versos, cantos, ritos e sentidos e assim, foliões compõem e são compostos em uma sonoridade que dá forma às “jornadas”.

A Folia de Reis em Carmo do Cajuru

O Velho arraial

Carmo do Cajuru está localizada no Centro-Oeste de Minas Gerais. Foi fundada pelo capitão Manoel Gomes Pinheiro, vindo de Nossa Senhora do Desterro, por volta de 1815, quando pediu licença ao imperador Dom Pedro I para erguer a Capela de Nossa Senhora do Carmo, cuja provisão data de 16 de agosto de 1823. O nome Cajuru foi usado na Fazenda de Manoel Gomes, consta em documentos datados de 1785 e dava nome também ao Morro do Cajuru, atual Morro da Cruz, localizado à margem direita do Ribeirão do Empanturrado. Em 1834, a Câmara Municipal de Pitangui criou o distrito de Cajuru, quando passou a ter cartório e juiz de paz⁶.



Fonte: www.portaldopatrimoniocultural.com.br

⁶Retirado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Carmo_do_Cajuru.

A cidade tem uma população pequena com cerca de 21 000 habitantes. É conhecida em Minas Gerais como “A cidade dos móveis” pela quantidade de indústria de móveis que, de certa forma, impulsionou Carmo do Cajuru economicamente. A cidade hoje conta com 117 fábricas de móveis, sendo o segundo maior polo moveleiro do Brasil. Os móveis produzidos são vendidos em todo o país e alguns chegam a ser exportados. As indústrias de móveis empregam cerca de oitenta por cento da mão de obra economicamente ativa da cidade.⁷

O único registro encontrado sobre a Irmandade Folia de Reis São Francisco de Assis foi no livro do professor Oswaldo Diomar (2000) intitulado, “História de Carmo do Cajuru (1747 a 1992)”. O capítulo 4 do livro é reservado ao folclore da cidade, sendo os itens 14.5 e 14.6 destinados ao Reinado e Reisado, utilizando de três páginas para contar sua história no período recortado. A apresentação sobre a Folia de Reis São Francisco de Assis incidirá sobre seus integrantes, pessoas que a compõe, como ela é organizada, instrumentos que utilizam e como é a sua música.

Quando a cidade era conhecida como Morro do Cajuru já existia, nessa época, a Folia de Reis no velho arraial. Diomar (2000) relata que na época do velho arraial do Carmo do Cajuru, a rabeca, parecido com um violino, porém mais rústico, fazia parte da performance musical. O professor narra que por volta de 1940 existia uma rivalidade entre os grupos de Folia de Reis, ou seja, quando os grupos se encontravam nas ruas o embaixador⁸ de cada folia desafiava o outro jogando versos de improvisos. Os embaixadores mais conhecidos foram Domingo do Rosário, seu irmão Benedito, Martinho Criolo, Mané Sapé e João Generoso, sendo que este último da comunidade do Maribondo. No início do século XX, um dos líderes ou embaixador da Folia de Reis na

⁷Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Carmo_do_Cajuru.

⁸O embaixador detém conhecimento dos cantos de presépio, conduz as ações do grupo e coordenam todo tipo de situação.

cidade de Carmo do Cajuru era José Fialho, descendente dos antigos Fialhos do Calhau de Cima. A família vem mantendo a tradição pelos irmãos Geraldo Ferreira de Araújo (Subio) e Vicente Ferreira de Araújo (Criolo) que são os responsáveis da folia. Atualmente a cidade de Carmo de Cajuru mantém o grupo da Irmandade Folia de Reis São Francisco de Assis, sendo os embaixadores, Gerado Ferreira de Araújo e José Geraldo Duarte Ângelo. A irmandade foi registrada no ano de 2000 pelo falecido Joaquim Ferreira, irmão do Gerado Ferreira de Araújo.

O nome Irmandade São Francisco de Assis é uma homenagem ao Padre Francisco quando era pároco na cidade (que atualmente reside na Igreja Santana em Itaúna) pelo seu apoio que desprenhia à folia. Outra homenagem é feita a São Francisco de Assis por ser a primeira pessoa a montar um presépio. A coligação da Folia com o Reinado de São Benedito, o qual José Geraldo Duarte Ângelo (Zé da Ana) é o responsável, reforça os laços entre seus participantes os tornando foliões ou congadeiros, integrantes do Reisado ou do Reinado e devotos de São Benedito, São Francisco e Nossa Senhora. Nessas festas, a comunhão e o sentido de pertencimento aponta que a coletividade é o que mantêm essas práticas. Local de produção de engajamentos, tal como a dança e o canto que, por exemplo, constituem juntos formas de socialidade inscritas em rituais, cujo objetivo é manter a coesão comunitária, tendo em vista a transcendência e a reatualização da memória comum de seus membros.

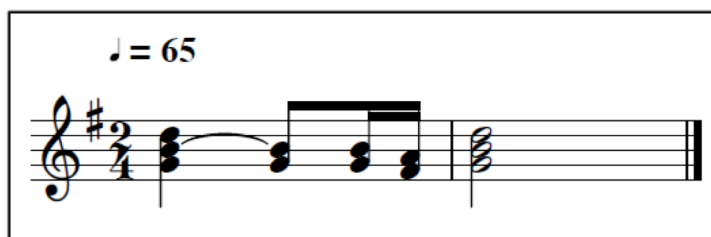
Instrumentos Guias

O foco que jogamos nas caixas e sanfonas da Folia de Reis São Francisco de Assis é importante para entendermos como é composta a mediação musical do grupo, entre pessoas e instrumentos sonoros, uma vez que a Folia de Reis não tem uma pessoa

que faça o papel de regente em suas jornadas. O desafio é entender como *foliões* se comunicam, nessa prática, no ato do fazer musical. Sabendo que, ao aprofundarmos a maneira como acontece as mediações entre instrumentos sonoros e canto entenderemos as representações e os significados envolvidos na performance musical.

Na Folia de Reis São Francisco de Assis os dois embaixadores Gerado Ferreira de Araújo também conhecido por Subio (cavaquinista e sanfoneiro) e José Geraldo Duarte Ângelo conhecido por Zé da Ana (sanfoneiro e cavaquinista), expressam em poesia os versos cantados para homenagear os Reis do Oriente e a Santíssima Trindade. São eles os responsáveis em abrir a folia quando essa sai para a rua, ou seja, preparar os foliões espiritualmente através da reza e dos cantos. Segundo os embaixadores, os principais instrumentos da Folia são as sanfonas e as caixas, isso porque são esses instrumentos que fazem toda marcação melódica e rítmica na Folia, sendo as sanfonas consideradas “*primeira guia*” e as caixas “*segunda guia*”. Em pesquisa empírica, o embaixador Zé da Ana narra que começa seu canto depois de escutar a introdução harmônica feita pelo acordeon, seguido pelo toque de batida das caixas.

Frase harmônica para iniciar canto do embaixador



O motivo dessa espera de entrada das sanfonas e das caixas é aconselhável, já que os embaixadores não arriscam em causar o que eles chamam de “*enxurrada*”, que seria o desencontro musical entre o canto e o ritmo. A introdução feita pela sanfona

comunica aos foliões o que está por vir, bem como o início do canto ou sua finalização. Essa frase harmônica ajuda o embaixador a entrar na tonalidade de Sol Maior, e somente após escutá-la é que os outros instrumentos compõem a sonoridade do acordeom. Como narra o embaixador Zé da Ana “*A sanfona puxa e os outros instrumentos vão atrás*”. Como um guia, o acordeom direciona a folia pela música, dando entradas, saída, tom, ritmo e sua função mediadora equilibra todo o fazer musical. O acordeon de 08 baixos é o responsável em proporcionar o momento exato de início de um canto, ele prepara os foliões para cada refrão/resposta do canto e sempre anuncia a finalização da música para que juntos todos os foliões realizem o fechamento. Essa tarefa recai sobre o acordeon por ser um instrumento de sonoridade forte, pois sua potência sonora possibilita ser ouvida por todos os foliões em meio a performance musical.

Frase do acordeon de 8 baixos para entrada do coro de foliões



No acontecimento da performance junto a emoção dos foliões, expresso em danças e cantos, os embaixadores contam e confiam também na marcação e levada rítmica dos caixeiros, que deve estar de acordo com o acordeon. A sanfona ocupa a frente da folia ao lado dos embaixadores e bem atrás estão as caixas. Os caixeiros não podem vacilar na batida certa, porque o andamento quem mantém são as caixas e para cada embaixador o andamento rítmico tem diferenças. No coletivo dessa prática as caixas exercem seu papel mediando as relações entre ritmo e melodia e como narra os foliões, sem vacilar, pois, uma caixa fora do ritmo pode desequilibrar toda a música.

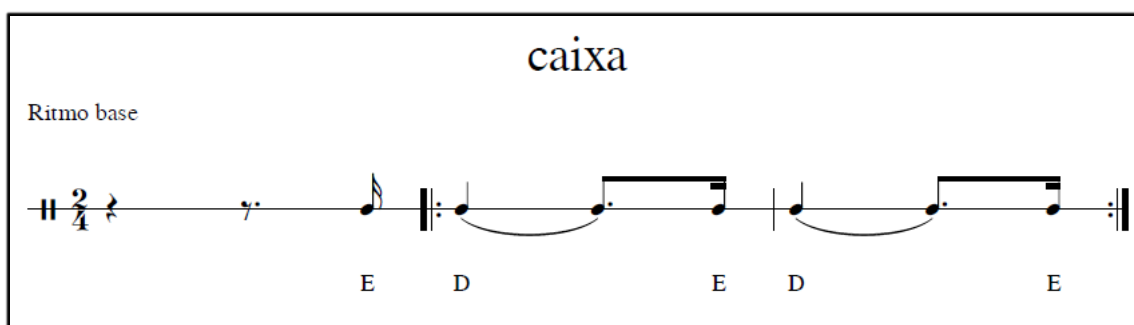
Folia cantando na porta de devotos



Foto: Sônia Assis. 03/01/2015

As levadas das caixas são marcantes nas danças dos palhaços, no canto e na orquestração da folia. Seu ritmo tem como referência uma repetição periódica de padrão rítmico e esse padrão possui uma denominação o qual os foliões chamam de batidas ou toadas. A função rítmica das caixas proporciona uma eficácia na condução da folia que ao interagir com reco-reco, pandeiro, viola, cavaquinho, violões, sanfonas e canto constitui, por inteiro, essa prática musical. Mas as toadas das caixas têm suas diferenças. Percebemos que quando um devoto faz um pedido de dança para os palhaços altera-se tanto o ritmo das caixas quanto a melodia da sanfona, e nessa hora abre-se um momento diferenciado na folia. São os pedidos de dança ou canto aos palhaços da folia, como valsa, Congo, Moçambique, Cobra coral, Moinho, Jaca ou outra dança solicitada pelas pessoas devotas aos Reis do Oriente.

Encontramos nos cantos da Folia de Reis São Francisco de Assis uma configuração básica, mantendo assim uma repetição cíclica dentro de um padrão rítmico⁹. A pulsação se torna um fator importante de unidade de articulação. Ela é incorporada e exteriorizada nos movimentos dos corpos dos foliões, como também pelo andar, tocar e dançar. O ritmo abaixo é utilizado quando as pessoas dão esmolas para receber um canto do embaixador ou quando o embaixador está cantando diante de um presépio.



Inserimos a letra E e D como orientação de baqueta Esquerda e Direita, sendo que as baquetas golpeiam somente na pele da caixa. O padrão rítmico é composto por um período de dois tempos intercalados por duas variações rítmicas. Na performance dos caixeiros o padrão rítmico é tido como referência na toada, sendo que as variações rítmicas acontecem de maneira livre por eles durante a performance.

⁹ A Etnomusicóloga Glaucia Lucas investigou as repetições rítmicas das práticas musicais do Reinado Mineiro analisando guardas de Congo, Moçambique e Candombe. Como no Reinado, os padrões rítmicos do Reisado estão presentes dentro de uma presença ritualística e quando tratamos de ritual e fé essas práticas se aproximam. “Os padrões rítmicos pertencem a cada tipo de guarda, identificando-as musicalmente no cumprimento de funções, cujos significados se desdobram em vários planos: na dimensão espiritual/simbólica[...].” (LUCAS, p.7, 1999). Na Folia de Reis as células rítmicas cíclicas compõem o canto/resposta dos foliões durante os ritos agindo de maneira estratégica no dimensionamento temporal das atividades.

Caixa

Varição I

E D E D D D E D E D E

Caixa

Varição II

E D E D E D E D E D E

Em alguns momentos da música enquanto um caixeiro realiza um ritmo base o outro passa pelas variações, de maneira que ambos sempre retornam ao ritmo base. Durante a performance os caixeiros interagem com os foliões jogando levadas rítmicas aos companheiros, assim eles provocam um diálogo entre ritmos e melodias como também, potencializa a musicalidade do grupo revelada em sons e gestos.

Os Palhaços

Quando a folia está cantando na rua, para as pessoas, encontramos os palhaços que são também foliões, e os responsáveis em arrecadar esmolas em troca de canto e dança. Inseridos entre o sagrado e o profano, essa entidade permeia a maldade e a brincadeira. Os palhaços andam ao lado da bandeira, sua função é proteger e ao mesmo tempo interagir com as pessoas, brincando, conversando e pedindo esmola. Os instrumentos dos palhaços são um saquinho pendurado nas vestes para guardar as esmolas, a máscara, o capacete e o dourado. Esse último é um bambu que mede 2 m de

comprimento. Em sua extremidade superior encontram-se tampinhas de metal presas por um fio de arame, elas exercem a função de um chocalho. Quando a base inferior do dourado colide no chão as tampinhas se chocam e o som produzido é amplificado por todo o bambu. Esse objeto sonoro é usado para acompanhar a marcação rítmica da folia e na realização de danças.

Palhaços no o ritual da Folia de Reis



Nas jornadas pela cidade esses atores acompanham a folia batendo a base dos dourados no chão, fazendo que o timbre de um chocalho ressoe por todo o bambu. Dessa maneira, eles participam ora marcando o tempo forte da música e ora acompanhando a célula rítmica das caixas e sanfonas. Em entrevista, o embaixador Gerado Ferreira (Subio) narra sobre os palhaços e seus dourados.

Embaixador Subio: - Aquilo é os instrumentos deles. Aquilo já foi criado pelo homem. Os palhaços não tinham instrumentos. É criatividade do homem mesmo, assim, com o dourado na mão e com as palhaçadas que eles fazem é criado para chamar atenção. Mas eles fazem parte da mesma coisa que nós na folia. O palhaço tem que ter muita comunicação, nada fecha eles, tudo que você pergunta eles respondem (Embaixador Geraldo Ferreira).

Todo esse processo é acompanhado pelo movimento corporal do palhaço, que pode ser um balanço lateral na cadência da música ou um impulso vertical, saltos no

mesmo lugar. Tomando como base a fala do embaixador e a antropologia, a riqueza do dourado, nessa prática social, aponta que esse objeto, personificado, é criado com base de “ser palhaço”. O desenho do dourado, que diz sobre sua maneira de uso, em conexão com os palhaços, tem como objetivo promover as danças e as relações, assim, o dourado é tão expressivo quanto os dançarinos quando ambos se complementam ou se amparam mutuamente.

A figura dos palhaços diz respeito ao desenvolvimento da folia, pois são eles que colocam o grupo em movimento. Eles são responsáveis em não deixar a folia presa, parada por muito tempo, no momento em que as pessoas trocam esmolas por canto e dança. Nessa prática social encontramos uma riqueza de relações cuja centralidade de sentidos emerge da corporalidade dos sujeitos, materializada em processos rituais e festivo, que expressam a partilha e a produção cotidiana de experiências e saberes sociais.

Folia em jornada

Na casa do folião e artesão Seu Nêgo ficam guardados os instrumentos dos músicos foliões e dos palhaços, sendo esse o motivo da folia ser aberta em sua residência. A Folia de Reis São Francisco de Assis é composta pelos seguintes instrumentos sonoros: três acordeons de 8, 48 e 120 baixos, três violões, uma viola de 10 cordas, três cavaquinhos, duas caixas, dois reco-recos, um pandeiro e dois dourados. Como também a bandeira, as máscaras e as vestimentas dos palhaços. A moradia do Seu Nêgo se enche de música, conversas, risadas e “causos” nos momentos de sua abertura e fechamento. Nesse ritmo festivo os foliões chegam e se dirigem para o quarto dos instrumentos onde são afinados, tendo o som do acordeon como referência. O primeiro

acorde feito pelo embaixador, no acordeon, comunica a abertura da Folia, eles cantam e rezam para que nada de mal aconteça durante a jornada. Assim se inicia o ritual.

O trajeto se adéqua ao percurso para que nenhuma casa fique fora da jornada. Toda casa visitada tem um presépio, nesse recinto a visita pode se prolongar por longas horas de cantoria e devoção. No portão da casa tem início o rito de visita ao presépio. A Folia em frente à casa cantando anuncia sua chegada. O dono ou dona da casa abre o portão e o embaixador canta o verso. - *Você abre o portão, agora nós podemos entrar.* A cantoria em frente ao presépio é um momento de reprodução do mito anunciado pela história. O rito torna-se parte essencial da vivência do que se pretende falar, através dele os foliões comunicam o que são, nesse sentindo, ser folião é vivenciar, pertencer e exercer funções na folia em plena organização com a vida social. Pelos cantos e versos ou instrumentos e música eles se comunicam com os Outros.

Na Folia de Reis o fazer musical está interligado ao sagrado envolvendo, portanto, mitologia, ritualização e promessa. O canto do embaixador junto com o coro e os sons dos instrumentos estreitam a comunicação entre os planos cosmológicos em uma ação, que no fazer musical, junto aos movimentos e os gestos, emerge em muitas ações. O canto é o elo da representação, como quando o embaixador se ajoelha para o presépio e expressa os versos cantados sobre a passagem do mito dos Três Reis diante do presépio.

Os três reis diante do presépio
Ajoelharam bem ali
Fizeram sua oração
Que obedeceu ali

Coro:
Nasceu, nasceu, nasceu.
Nasceu nosso senhor, ai, ai

Os três reis foram a Belém
Viajaram noite e dia

Para visitar Jesus
Filho da Virgem Maria.

Nesse gesto a bandeira é a materialidade que liga os foliões ao mundo sagrado dos Reis do Oriente, esses que abençoaram o presépio quando se encontraram com o Menino Deus. A bandeira se torna o objeto sagrado que conecta o mundo dos deuses com os dos homens e dos antepassados. Dentro desse sistema de significados ao ser passada por cima da cabeça dos foliões e dos participantes ela distribui bênçãos, determinando assim sua posição e qualidades. Bitter (2008) descreve a bandeira nas casas como um objeto que transforma e sacraliza o ambiente purificando-o das impurezas ou mesmo quando opera como mediador, de vários planos, ela se diferencia de outros objetos do cotidiano (2008, p. 132).

Canto de abençoar presépio

Folia de Reis São Francisco de Assis

$\text{♩} = 70$

Vin - te cin-co de de - zem-bro pra vo - cê eu vou con - tar. Em Be - lém a mei-a

8
noi-teo Me-ni - no o Deus nas - ceu Nas - ceu, nas-ceu, nas - ceu, Nas - ceuNos-so Se -

15
nhor Ai Ai Ai

Canto realizado pelo Embaixador Subio para abençoar os presépios.

Enquanto o coro responde com o verso “*Nasceu, nasceu, nasceu. Nasceu nosso senhor*”, o embaixador pede a bandeira ao bandeireiro e a coloca no presépio para dar início aos versos próprios de abençoar o presépio. Relacionando a história mito com o festejo da Folia fica nítido o papel dos embaixadores. Esses representam e personificam os Reis do Oriente, os magos/sábios sacerdotes que detinham o conhecimento sobre astrologia da época e eram conhecidos como “homens que estudavam as estrelas”. Como detentores dos fundamentos da Folia, somente os embaixadores conhecem e pronunciam os cantos de presépio. Segundo Subio, o embaixador ajoelhado em frente ao presépio simboliza os Reis do Oriente quando visitaram o menino Jesus e beijaram os pés do pequenino. O gesto de beijar a bandeira os aproxima do sagrado e os abençoa, ele é realizado com uma movimentação circular bem interessante e organizada, como também de respeito, essa movimentação acontece com a folia cantando e tocando enquanto o embaixador abençoa o presépio com as palavras cantadas.

A música da Folia de Reis São Francisco de Assis é percebida como uma música tonal, numa tonalidade definida em Sol Maior o qual gera um percurso harmônico e melódico com tensões e repousos, passeando entre os graus de tônica, dominante e subdominante. Mesmo detectando esses aspectos oriundos da música ocidental, sabemos das limitações desse sistema de notação musical quando retratamos uma prática social tradicional, ou seja, o mesmo não dá conta da totalidade do acontecimento musical da Folia de Reis São Francisco de Assis. Como os detalhes e nuances da particularidade das vozes de cada folião.

Versos sagrados de presépio

Vinte e cinco de dezembro
Pra você eu vou contar
Em Belém a meia noite
O Menino Deus nasceu

Refrão: 2X
Nasceu, nasceu, nasceu
Nasceu Nosso Senhor

Os três reis quando avisados
Começaram a viajar
Para visitar Jesus
Antes do galo cantar

Os Três Reis se despediram
Herodes pôs a pensar
Quando voltar de Belém
Passa aqui pra me avisar

Os três reis foram a Belém
Todos três com alegria
Para visitar Jesus Filho
Da Virgem Maria

A estrela do presépio
Na hora apagou a luz
Para Herodes não saber
Aonde estava Jesus

A estrela de Belém
De noite apareceu
Seu clarão iluminou
Aonde Jesus nasceu

Os três reis diante do presépio
Ajoelharam bem ali
Fizeram sua oração
Que obedeceu ali

Os Três Reis foram chegando
Todos três com voz sonora
Para visitar Jesus
Filho da nossa senhora

Os três reis foram a Belém
Viajaram noite e dia
Para visitar Jesus
Filho da Virgem Maria.

Os Três Reis de viagem
Todos três com resplendor
Encontrou no caminho
Rei Herodes, traidor

Os três Reis diante do presépio
Todos três com alegria
Deu a benção no presépio
Filho da Virgem Maria

Rei Herodes perguntou
Viajar pra onde vai
Vou agora ver o menino
Jesus Cristo nosso pai

O anjo São Gabriel
Foi quem nos anunciou
Que nasceu o Deus Menino
Para nosso salvador

Ritual de iniciação

Num dia de jornada, no rito de abençoar o presépio, presenciamos a filha da dona da casa se oferecendo para segurar a bandeira. Estando a bandeira no presépio, os foliões precisavam quase que ajoelhar para beijá-la. Percebendo a dificuldade de alguns, a moça se adiantou para ajudar no desenvolvimento do rito e se ofereceu para segurar a bandeira. O embaixador retirou a bandeira do presépio e passou para as mãos da moça, essa se pôs ao lado do presépio. Depois de cantar algumas passagens do mito o embaixador se direcionou para a moça e cantou.

Senhora Dona da casa
Pra você eu vou cantar
Leva a bandeira lá dentro
Pra Santo Deus te abençoar

Coro:
Nasceu, nasceu, nasceu
Nasceu nosso senhor, ai, ai

A moça, atendendo ao pedido do embaixador foi em direção a porta da sala, entrou e imediatamente voltou. Parou na porta e conversou com sua mãe, depois olhou para o embaixador demonstrando, pelo olhar, que não compreendia o que fazer com a bandeira em mãos. O embaixador, percebendo a preocupação da moça sorriu e com um pequeno gesto, girando o dedo indicador, pediu para que ela caminhasse com a bandeira, desse um giro com ela dentro da residência. Ao entender a mensagem, a moça entrou e efetuou o rito de abençoar o lar.

Embaixador Subio ajoelhado cantando e Zé da Ana (em pé) cantando em frente ao presépio que é abençoando



Fotos Sônia Assis. 03/01/2015

Temos nessa passagem a iniciação da jovem no ritual da Folia de Reis, momento esse que uma pessoa experimenta e apreende sobre como receber uma folia, quais ações são firmadas e o significado dos gestos. Nessa atitude se tem primeiro a permissão em participar

do ritual, de segurar a bandeira e depois fazer a purificação da casa, quando lhe foi pedido para levá-la ao interior da residência. A iniciação da moça, nesse ritual, foi possível pelo seu interesse e prontificação em participar, mas somente por ser ela integrante da casa lhe foi permitido inserir-se ativamente, aprender a partir de um engajamento prático o qual se vivencia as ações para que sejam entendidas.

Ingold (2010, p.21) descreve os processos de aprendizado da cultura como um redescobrimto guiado: compartilha-se, demonstra-se, envolve-se. Mostrar alguma coisa é um ato vivido, experimentado e compartilhado. Segurar/proteger/guardar em mãos a bandeira, entender as mensagens do canto e sentir o momento exato das ações revelam modos de aprender fazendo e participando. Como ressalta Ingold, requer participação, envolvimento e atenção. Poder participar ativamente ampliou uma gama de possibilidades para que a moça pudesse compreender que a passagem da bandeira em sua residência eleva e inspira bons pensamentos, sentimentos, remetendo o invisível, o sagrado e a fé. Como diz o verso, o rito de levar a bandeira para o interior da casa tem o poder divino de benzer, abençoar e proteger a moradia e as pessoas.

O canto do embaixador desde a entrada da casa até a saudação ao presépio dura em média 30 minutos. São histórias que revelam a vida de Cristo, homenageia o dono da casa e adora os Reis do Oriente. Durante todo o ritual os foliões cantam, dançam e tocam aliando a fé, o festejar, a oração coletiva, o riso e a brincadeira num momento único de alegria que se recebe graças ou as agradece. Nesse cenário ritualístico religioso renova-se as forças para que a jornada continue. Assim, entendemos a noção de festa ou assim a descortinamos em pleno sentido de uma experiência no ritual se convergindo em ritos, brincadeiras, danças, cantos, sons, criatividade e improviso. Isso nos permite dizer na mesma profundidade sobre o Lazer, um tema que tem como sentido o encontro com o Outro, com as coisas e com a experiência e por isso possibilita relações que motivam a coletividade e suas histórias de vida.

Considerações e Entrelaçamentos

Destacamos no início deste artigo nossa atenção e ênfase nas práticas sociais e na riqueza das relações cuja centralidade de sentidos emerge da corporalidade dos sujeitos, materializada em processos rituais e festivos, que expressam a partilha e a produção cotidiana de experiências e saberes sociais. Destacamos a Festa de Reis como processo de produção histórica e cotidiana da vida. Do envolvimento e da partilha emerge modos de participação enraizados em uma história e em um território comum. Enfatizamos o lazer como prática social, que se expressa com os sentidos da festa, de engajamentos, fé, trabalho, festa, organização, disciplina e divertimentos.

Pautados no diálogo entre os campos do Lazer, da Música e da Antropologia, buscamos enfatizar o ritual da festa, destacando a centralidade e a importância dos objetos e dos instrumentos musicais. Apontamos, nessa prática que pessoas, objetos sonoros, música e ritos se relacionam e se revelam pela sonoridade, pela brincadeira e pelos gestos. Encontramos na Folia de Reis um envolvimento solidário convertido em musicalidade e fé, fazendo emergir sentimentos comuns e modos de percepção da vida e do cotidiano, potencializando que pessoas se reconheçam em experiências comuns e identitárias. Assim, cantar e dançar configuram-se como processos identitários, modos de ser e de viver.

A Festa da Folia de Reis São Francisco de Assis, elaborada e reelaborada por diversas gerações vem entrelaçando cotidiano e história; presente, passado e futuro, produzindo relações vividas para a tradição. Como narrativa, seus ritos contam uma história que entrelaça o sagrado ao cotidiano, revelando uma realidade que se produz e se reproduz como experiência ética e estética. A festa da folia constitui um sistema de relações que se realiza em movimentos e habilidades em um território de sentido.

Aqui, a noção de festa fez convergir o brincar como experiência histórica, preenchida de sentido, narrativa e corporalidade. Os sentidos revelam e são revelados em brincadeiras,

danças e versos cantados. Essa festa nos permite afirmar o Lazer como prática social pautada em modos de viver enraizados em um cotidiano vivo de práticas e relações.

Ao descrever a Folia de Reis, realçamos um território comum em que a presença dos materiais sonoros media modos de comunicar a folia e suas relações. As relações que decorrem nos possibilitam reconhecer modos de viver em uma diversidade de acontecimentos, saberes, práticas e organização social. Toda essa riqueza de entrelaçamentos, realçada na musicalidade dos foliões, expressam-se nas formas infindáveis das pessoas e coisas se situarem e se relacionarem no mundo. Tudo isso retrata marcas de uma história vivida que continua se envolvendo com as coisas, gerando ritos, saberes e habilidades, que em relação amplia histórias de vida.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis** – Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2008. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – UFRJ / IFCS / Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2008.
- BLACKING, J. Música, cultura e experiência. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 16, p. 201-218, 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- DEBORTOLI, José. Alfredo. Lazer, Envelhecimento e Participação Social. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.1, mar/2012.
- DIOMAR, Oswaldo. **História de Carmo do Cajuru**. 2. ed. 2000. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. v. 24, 1958. IBGE.
- INGOLD. The poetics of tool use. From technology, language and intelligence to craft, song and imagination. In: **The Perception of the Environment. Essays in livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.p. 406-419.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação em revista**. Porto Alegre: v. 33, n. 1. 2010. p. 6-25. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 15 jun. 2015.

_____. Trazendo as Coisas de Volta à Vida: Emaranhados Criativos num Mundo de Materiais. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: Ano 18, n. 37: 25-44, 2012.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. EDUFBA-EDUSC, Salvador, 2012.

LUCAS, G. O ritual dos ritmos no Congado Mineiro dos Arturos e do Jatobá. ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 12. **Anais...** Salvador. 1999.

TERRIN, Aldo Natale. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004.

TOREN, Cristina. Uma antropologia além da cultura e da sociedade: Entrevista com Christina Toren. **Revista Habitus**, v. 11, 2013.

Endereço dos Autores:

Sônia Cristina Assis
Rua Laudelina Carneiro, 857 - Braúnas
Belo Horizonte – MG – 31.250-040
Endereço Eletrônico: assis.soniacris@gmail.com

José Alfredo Oliveira Debortoli
Av. Antonio Carlos 6627 – Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31270-901
Endereço Eletrônico: dbortoli@effto.ufmg.br